

# Luiza Gottschalk usa potência da luz solar para retratar a mata atlântica em mostra

Artista brasileira ocupa galeria nova-iorquina em paralelo à feira Frieze com suas telas de escala cinematográfica e iluminação natural

Silas Marti

**NOVA YORK** O sol brilha do lado de fora e também dentro da galeria, onde se espalha pelo chão e cria um halo em torno das pinturas. A artista Luiza Gottschalk mandou adestivar de dourado quase toda a extensão do espaço, criando ao mesmo tempo uma rota em torno dos quadros e uma estratégia de espelhamento.

Desde que pintura existe, e ela é uma pintora na raiz, muito se fala de luz, do ilusionismo de sua construção sobre a tela, à moda assombrosa de Rembrandt ou Caravaggio, à busca obsessiva por uma luz interna que atravessa a superfície do quadro ou atmosfera pura e dura, à maneira de Mark Rothko ou o mais literal James Turrell.

Gottschalk, que tem sua mostra agora em cartaz na galeria Slag&RX, no Chelsea nova-iorquino, em paralelo à semana da feira Frieze, lembra ter crescido em estreito contato com a mata atlântica no Brasil e conta que nunca tinha notado como o sol muda os dias e a vida de quem passa meses sem luz no frio do inverno. Daí a ideia de abrir sua exposição na primavera em Manhattan, quando o sol volta a brilhar e as ruas se acendem com os primeiros sinais de calor. É o sol na cabeça e nos quadros.

Essa luz transborda intensa já na pintura que abre a mostra, na vitrine da galeria voltada para a rua. É a visão de uma densa floresta atravessada por um rio todo branco e clarões vibrantes rosa-choque. Não é coisa etérea, inexplicável. Essa luz toda, uma tela de tensões e atravessamentos, é construída quase como arquitetura, num processo de pintura aplicada, tinta sobre tecido sobreposto à tela e depois arrancado, deixando essas cicatrizes por onde vazam as cores, o branco do tecido e o reflexo do entorno.

São duas operações em paralelo, ou amalgamadas. É a ideia de clareira, um espaço luminoso no breu da folhagem, e também um recorte cinematográfico, nas palavras da artista, um fotograma vibrante que se desprende de uma sequência na escuridão.

Ela entende disso. Atriz de formação, uma das mais longevas das intérpretes dos Satyros, companhia lendária que chacoalhou as estruturas e os palcos do centro paulistano, Gottschalk foi durante anos também a cenógrafa do grupo. Seu trabalho na pintura, de certa maneira, é um desdobramento dessa inteligência cê-

nica, o esplendor coreografado, a luz orquestrada, tudo em função do drama que acontece no palco.

Suas pinturas, em geral, retratam visões quase abstratas de ângulos da natureza, a mata devassada por um vovô, algo perdido na floresta. Não é uma natureza virgem. É esse talvez o "plot twist" da obra de Gottschalk. A sua é uma selvageria cênica, controlada, iluminada à perfeição.

Ela diz que isso vem da vivência da infância, não de ver a natureza pela janela, algo distante, mas viver dentro dela. Nesse sentido, suas pinturas se estruturam como espaços a explorar, a ideia de engolir o espectador — em geral, a escala é exagerada, telas de metros de altura, que deixariam pesada a atmosfera da galeria, mas isso se contorna aqui com o jogo de cores, o cinza nas paredes, o dourado no chão e a luz própria, e intensa, dos quadros.

No escuro total, ou no espaço estéril da galeria nova-iorquina, suas telas são clareiras, espaços cheios de luz, sem fazer da claridade dura um espetáculo. É a busca de uma potência reluzente precisa, que acende os ângulos e arestas ao redor e não afoga qualquer delicadeza.

Uma série de obras na mostra, aliás, dão essa ideia nítida de selva, uma floresta devassada pela luz solar potente, ou vultos no escuro da noite vistos ao luar. São trabalhos que ela chama de colheita, com telas de dia e de noite.

Muitos deles são composições parecidas, como se fossem a impressão positiva e a negativa da mesma imagem, sendo que a textura aqui, as tais cicatrizes deixadas pelo tecido no processo da pintura, provoca a perfeita ilusão de figura e fundo, o tronco das árvores, de madeira maciça, contra a luz dura ou difusa.

Talvez o principal trabalho da exposição seja uma chave para entender a obra de Gottschalk nesse intervalo entre luz e trevas. É a única pintura não nas paredes, mas mostrada num painel móvel, que ali não sai do lugar, mas indica que poderia se deslocar, sobre rodas, pela galeria, indo em direção ao sol ou à sombra.

É um aparato cênico, que desnuda a ilusão da pintura como construção artificial crua, nenhum lastro na realidade a não ser a natureza construída nas lembranças da artista, clareiras inventadas dentro da tela, nunca vistas de longe, através da janela.

O jornalista viajou à convite da Slag&RX.



'Magic Branch', obra da artista Luiza Gottschalk, agora na galeria Slag&RX, em Nova York. Divulgação